

“O QUE SE TENTA DESCOBRIR É QUEM ERA DE FATO A PESSOA QUE SE OCULTAVA ATRÁS DO NOME LOURIVAL, ENTENDEU?”:

BREVE NETNOGRAFIA SOBRE CORPO E GÊNERO EM MATO

GROSSO DO SUL<sup>1</sup>

Joalisson Oliveira Araujo<sup>2</sup>

## RESUMO

Neste trabalho reflito sobre os jogos de verdade que buscaram construir considerações sobre corpo e gênero de Lourival Bezerra de Sá a partir de comentários feitos num portal de notícias, em matérias relacionadas ao caso em tela. Neste escrito etnográfico, produzido a partir de netnografia, ou etnografia em ambientes virtuais, analisei como se deram tensionamentos, incômodos e disputas de narrativas à vista da vida vivida de Lourival. Realizados os levantamentos, pude categorizar as produções discursivas nas caixas de comentários em três nuances principais: a de patologização e adoecimento; as que vinculavam sua existência ao pecado, anormalidade e fraude; e os que intercediam por respeito à sua memória e representações dignas.

**Palavras-chave:** Lourival Bezerra de Sá, Verdade, Antropologia do corpo, Etnografia em ambientes virtuais.

## INTRODUÇÃO

“O segredo de Lourival”<sup>3</sup> nos foi apresentado na noite de 3 de fevereiro de 2019, quando o *Fantástico*, programa da Rede Globo de Televisão, se propõe a revelar a todo o país que “Lourival escondeu seu segredo de todos, até da própria família com quem conviveu por quase quarenta anos”.

A narrativa dá conta de que a 5 de outubro de 2018, Lourival Bezerra de Sá, à época com 78 anos, sofreu um infarto fulminante em sua casa, na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul e, ao ser encaminhado ao Serviço de Verificação de Óbito, seu corpo foi lido como do sexo feminino, por conta de seus caracteres sexuais.

---

<sup>1</sup> Este texto deriva de discussões produzidas ao longo do primeiro semestre de 2019 na disciplina “Antropologia do Corpo e da Saúde”, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Sociocultural da Universidade Federal da Grande Dourados, ministrada pelo Prof. Dr. Esmael Alves de Oliveira, bem como do trabalho final deste mesmo componente curricular.

<sup>2</sup> Discente de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Sociocultural da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGAnt/UFGD). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (DS/CAPES). [araujojow@outlook.com](mailto:araujojow@outlook.com)

<sup>3</sup> Na marcação de tempo 01'07” da matéria veiculada há uma tela onde se lê em caixa alta “O SEGREDO DE LOURIVAL” sublinhado em vermelho sobre um fundo desfocado.

Essa aparentemente simples divergência entre a morfologia esperada e a que Lourival Sá trazia marcada em seu corpo fez desencadear uma série de atos do aparato estatal para investigar a “verdade oculta”, que pudesse ter feito com que aquela mulher tivesse “se passado por homem”<sup>4</sup> há, pelo menos, quarenta anos.

O corpo já estava retido no Instituto de Medicina e Odontologia Legal (IMOL) quando da veiculação da matéria e lá ficou até, pelo menos, 16 de março de 2019, quando finalmente escapou das ameaças de ser enterrado como indigente caso nenhuma informação sobre sua “verdadeira identidade” fosse oferecida: uma determinação judicial vinda da 1ª Vara do Júri da Comarca de Campo Grande, onde se está processando o inquérito policial, proporcionou que Lourival fosse enterrado com respeito à sua dignidade e à identidade de gênero que carregava consigo: a masculina.

Não obstante, isso não significa que a busca pela verdade de seu corpo, sexo e gênero tenham chegado ao fim, pelo contrário: a mesma decisão judicial impôs ao IMOL a obrigação de manter registros papiloscópicos, fotografias e material genético para que novas buscas sejam eventualmente realizadas.

O Código Penal Brasileiro em vigor, desde 1940, não traz cominações penais diretamente relacionadas a dissidências das normas de gênero<sup>5</sup>. No entanto, ainda assim, a peça inquisitorial sul-mato-grossense segue seu rito ordinário, com pitadas de processo kafkiano: um corpo já sem vida, acusado de algo que não se sabe o quê, numa busca pela verdade que toma como pena de *Ma'at* seus caracteres morfofisiológicos.

Dessa maneira, não só a atividade persecutória do Estado me incomodou, mas também as práticas discursivas dos veículos de mídia ao tratarem do caso. Relatavam como se estivessem diante de uma falsária, uma frustrada, uma mulher que tenha feito algum mal irremediável e quisesse se afastar de seu passado.

Assim, neste momento, interessa-me saber como as pessoas receberam essa construção midiática e como se posicionaram frente a ela. Por conseguinte, adotei como fonte privilegiada

---

<sup>4</sup> Uma matéria foi publicada no Portal G1, em 3 de fevereiro de 2019, às 23h04' sob a manchete: “Sem documentos reais, corpo de idosa que se passava por homem está há mais de 4 meses no Imol em MS”. Depois, em 7 de fevereiro de 2019, a manchete foi alterada para “Justiça investiga origens de homem que não pode ser enterrado”. Atualmente a notícia não se encontra mais disponível.

<sup>5</sup> Todos os outros dispositivos normativos em matéria penal no Brasil antes deste criminalizavam pessoas que cindem a coerência artificial e compulsória de sexo-gênero. Ainda hoje, inclusive, o Código Civil, em seu artigo 13, impõe como proibição a dispor livremente de seu corpo caso as alterações venham a ferir “os bons costumes”.

de análise a caixa de comentários das notícias vinculadas a Lourival Bezerra de Sá, coletados entre 14 de junho e 17 de julho, por meio da netnografia.

Na primeira seção, discuto o método netnográfico e descrevo o caminho percorrido; em seguida, apresento considerações foucaultianas sobre jogos de verdade e sexo como dispositivos normativos e teço considerações sobre a compulsória coerência de dualismos que duelam para formar um sujeito assujeitado a uma existência inteligível.

Adiante, após a exposição dos resultados que obtive, pude dar conta então de como tais produções discursivas orbitavam em torno de três perspectivas: a de patologização de Lourival em sua descontinuidade de sexo-gênero; as que vinculavam sua existência ao pecado, anormalidade e fraude, clamando por uma pretensa “salvação” ou o condenando ao Inferno; e, por fim, os que advogam por respeito à sua memória e buscam reconhecer, por sua trajetória, dignidade.

## CAMINHO METODOLÓGICO

Modificações tecnológicas trouxeram à Antropologia novos paradigmas com que se ocupar. É assim que surge, no fim da década de 1990, um conceito frequentemente atribuído a Robert Kozinets: a netnografia, ou “etnografia em ambientes virtuais”. Esta forma especializada de etnografia se ocupa de comunicações mediadas por equipamentos telemáticos para chegar à compreensão – e posterior representação etnográfica – de um fenômeno cultural por suas repercussões na Internet, isto é, “a netnografia é pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online” (KOZINETS, 2014, p. 61-2), que “volta-se para a descrição de realidades sociais virtualizadas, ou seja, de compreensão das novas formas de sociabilidade no ciberespaço” (REBS, 2011, p. 81).

As produções discursivas, provenientes de sujeitos identificáveis ou não, constituem também um dos produtos que fiam a teia de significados, trama do tecido cultural. E, ainda que haja diferenças significativas quanto à linguagem e formas de interagir entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado em ambientes online, “tal relação – [que é] mediada mesmo off-line – se dá em ambientes virtuais que não podem mais ser tratados como ‘não-lugares’ e menos ainda de forma dicotômica, opondo-se o virtual ao ‘real’” (POLIVANOV, 2013, p. 69), pois os sujeitos tem mesclado suas existências *online* e *offline* a tal ponto que sua separação se torna cada vez mais tênue.

Logo, por conta de a narrativa ter sido primeiro contada no programa *Fantástico*, da Rede Globo, e uma matéria ter sido veiculada no mesmo dia no *Portal G1*, me pareceu adequado que este fosse o ambiente para buscar notícias relacionadas ao caso. Realizei o levantamento das matérias nos dias 14 de junho e 17 de julho através de seu mecanismo nativo de busca. Inseri os termos de indexação “Lourival Bezerra de Sá”, “Lourival Bezerra” e “Lourival AND Bezerra”. Me vali tanto como filtro de busca quanto como critério inclusivo o marcador temporal de ter sido a notícia publicada a partir de 3 de fevereiro de 2019.

Então, obtive como resultados que se conformam nos critérios inclusivos, 4 (quatro) matérias disponíveis, publicadas entre 4 de fevereiro e 16 de março. Contudo, como o que me interessa neste momento são os comentários – e as interações a eles relacionadas – nas matérias em questão, os contei e obtive 31 (trinta e um) comentários no total.

Deste universo de trinta e um comentários, elegi dezessete deles que falavam mais diretamente sobre o caso, seja por reificar a noção de “natureza” no corpo de Lourival Bezerra de Sá, seja por torcer esta naturalização biologicizante atribuída àquele mesmo corpo. Os reproduzi sem fazer alterações de qualquer caráter; os outros dezesseis foram dispensados porque tangenciavam muito da temática da matéria.

Registrei também as interações entre usuários e comentários já feitos, que incluem “concordar” e “discordar”, representadas na caixa de comentários do *Portal G1*, respectivamente, por polegares apontando para cima, em verde, ou para baixo, em vermelho. Contabilizei 704 (setecentas e quatro) interações que “concordavam” com comentários e 553 (quinhentas e cinquenta e três) que “discordavam”, totalizando, assim, 1257 (um mil, duzentos e cinquenta e sete). Curiosamente, todas as interações<sup>6</sup> se encontram na matéria de 4 de fevereiro; já com relação à matéria publicada em 13 de março, intitulada *Justiça determina enterro de mulher que se identificava como homem; corpo está há 158 dias no Imol em MS*, não pude coletar dados pois a caixa de comentários não se encontra disponível.

## A VERDADE MAIS VERDADEIRA

A perquirição pela “verdade do sexo” de Lourival, embebida no campo de saber-poder a que Michel Foucault nomeia *sciencia sexualis*, acaba por evidenciar o corpo em seu caráter simbólico, não sendo ele, pois, uma realidade apriorística e pré-discursiva, ligada à natureza.

---

<sup>6</sup> Importante dizer que não é possível identificar os usuários autores das interações em nenhuma das caixas de comentário.



Podemos conceber o corpo, então, “como um sistema que, simultaneamente, produz significados sociais e é produzido por eles”. (FAUSTO-STERLING, 2002, p. 64).

Por conta de que “o corpo é uma realidade bio-política” (FOUCAULT, 2000, p. 80) incidem sobre ele dispositivos disciplinadores, em que “a instituição judiciária se integra cada vez mais num contínuo de aparelhos (médicos, administrativos etc.) cujas funções são sobretudo reguladoras” (FOUCAULT, 2013, p. 157): assujeitam o corpo a/como uma superfície apta a receber tais normativas.

Entretanto, as políticas de ingerência sobre o corpo nem sempre se deram do mesmo modo; mecanismos de controle do discurso trataram de criar oposições entre verdadeiro-falso dentro de disciplinas de saber-poder, que, ainda segundo Michel Foucault (2014), desde o século VII, no Ocidente, se afere pelo conteúdo dos discursos que são proferidos.

Tais práticas discursivas que, desde o século XVIII, determinam que no corpo-organismo “teria de haver uma coisa fora, dentro e por todo o corpo que definisse o homem em oposição à mulher e que apresentasse o fundamento de uma atração dos opostos, é inteiramente ausente na medicina clássica ou renascentista.” (LAQUEUR, 2001, p. 33). O campo científico passa, então, a não mais buscar a verdade, mas construir as suas próprias. (LAQUEUR, 2001, FOUCAULT, 2014).

Esta “vontade de verdade” apoia-se em suportes institucionais como práticas pedagógicas, ritos jurídicos, sistemas de edição etc., mas também pelo modo como o saber é aplicado em sociedade, como é distribuído, valorizado, compartilhado, enfim, o que acaba por construir uma “narrativa maior”: esta se torna então a baliza para determinar o real e o irreal, guardando, de modo ainda não lapidado, “algo como um segredo ou uma riqueza” (FOUCAULT, 2014, p. 21).

O autor supõe então, nesta mesma obra, que em toda sociedade existe um desnível entre dois tipos de textos: as narrativas maiores e os outros, secundários (a que chama de “comentários”), que não fazem outra coisa senão repetir e fazer referência ao que se diz nas narrativas primárias, com a finalidade de desvelar uma verdade originária que permaneceu oculta. E estes, continua ainda, são produtos de nosso sistema de cultura: os textos religiosos, jurídicos, literários e, em certa medida, também os científicos.

A especulação sobre a “verdade do sexo” – principalmente feita nos “comentários” – é útil pois tal dispositivo encerra em si parâmetros de inteligibilidade<sup>7</sup> de uma existência

---

<sup>7</sup> Judith Butler aponta como inteligibilidade os agenciamentos de gênero que “em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios concebíveis em relação

corpórea; inclusive, “a noção de que pode haver uma ‘verdade’ do sexo, como Foucault a denomina ironicamente, é produzida precisamente pelas práticas reguladoras que geram identidades correntes por via de uma matriz de normas de gênero” (BUTLER, 2017, p. 44).

Então, a “gramática substantiva do sexo impõe uma relação binária artificial entre os sexos, bem como uma coerência interna artificial em cada termo deste sistema binário”, quais sejam a vinculação sexo-gênero-desejo-práticas sexuais, onde “a regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica” (p. 46-7), que não são estáveis e, por isso mesmo, se tornam campo e arena de disputas.

### “SIMPLES ASSIM”

Os comentários da matéria publicada em *4 de fevereiro de 2019 às 19h50’ – e atualizada às 21h52’33”* –, intitulada “*Muito esquisito*”, diz *ex-vizinha de idosa que se passava por homem em Ituverava, SP*, foi a que me permitiu perceber que os comentários caminham em, basicamente, três trajetos: o primeira, vincula a existência de Lourival a uma condição de adoecimento; a segunda, liga-o ao pecado e ao crime; uma terceira, por fim, pede respeito à identidade masculina de Lourival e tenta ponderar considerações sobre sua vida.

Também é uma característica marcante de alguns destes discursos uma solução aparentemente muito óbvia do impasse, pois trazem locuções como “simples assim”, ou são grafados contendo apenas uma pergunta seguida de uma resposta direta, como se todo este “alarde” proporcionado pela reportagem fosse desnecessário e sensacionalista.

Vejamos. No primeiro enfoque, temos comentários como os publicados em *5 fev., 12h06’55”*, “Uma doente mental simples assim.”; em *5 fev., 12h33’02”*: “Homem trans = Mulher doente mental que se fantasia e pensa que é homem.”, e ainda *5 fev., 07h39’22”*, “Qual o objetivo de se passar por homem? Resp: Doença.”. 36 pessoas concordaram com estes três comentários, dos quais só deste último, foram 17 interações positivas. Ao mesmo tempo, há 92 discordâncias totais nestes.

Ainda se faz muito presente o nexos causal entre transgressão de gênero e patologia, tributário dos processos de governo da vida que relegaram, ao longo da história, essas

---

a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a ‘expressão’ ou efeito de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual.” (2017, p. 43-4).

existências à doença e à anormalidade. Só muito recentemente a Organização Mundial da Saúde (OMS) se propôs a revisitar esse *standard*: na 72ª Assembleia Mundial da Saúde quando, ao reformular a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID), agora em sua décima primeira edição, retirou da listagem o termo transexualismo.

Entretanto, manteve ainda um dispositivo que descreve uma descontinuidade entre sexo e gênero. A despeito disso, sua nomenclatura agora é incongruência de gênero, e está alocado num capítulo sobre condições relativas à saúde sexual, não sendo mais classificada como um transtorno.

No segundo aspecto, destaca-se o comentário *5 fev., 05h59'54"*, que diz: “como satanás destrói a vida daqueles que se deixam levar pelo mundo E VIVEM UMA VIDA COMPLETAMENTE AFASTADA DO DEUS VIVO SOBERANO.....QUE ESSA MULHER TENHA SE ARREPENDIDO E SE ENTREGADO A CRISTO ANTES DA SUA MORTE.”, com o qual concordaram 29 pessoas e discordaram 69, tendo desencadeado uma série de comentários, que, em resposta a este, discutiam a existência ou não de um deus e um diabo.

Esta segunda nuance não caminha muito distante da primeira, posto que, como nos aponta Jorge Leite Jr, antes da primazia das ciências da psique sobre as cisões cisnormativas, um caráter de pecado e monstrosidade era atribuído a tais corpos e, conseqüentemente, os vinculava muitas vezes à figura do próprio diabo, já que "isto seria uma completa inversão espiritual, verdadeira desordem cósmica e, conseqüentemente, o temido reino do diabo, o 'inverso' de Deus." (LEITE JR, 2008, p. 44).

Por fim, nesta matéria, temos comentários como *5 fev., 10h46'49"*, “Nem na morte não deixam o cidadão em paz. Bando de bisbilhoteiro.”, do qual concordam 30 pessoas, 8 discordaram; ou *5 fev., 13h25'33"*, que diz: “Ela nao assumiu por vergonha de ter nascido no mundo errado, simples assim.” (concordaram 16, discordaram 3).

O comentário de *5 fev., 15h03'13"* teoriza que “O senhor Lourival fez isso pq antigamente o preconceito era bem diferente do que é hoje. Os pais jamais aceitariam uma filha virar ‘ homem ‘ . Ctz a família Nem sabia mais da existência dele. Deve ter sumido do mapa. Feito documentos falsos e seguiu a vida em outros lugares. Tudo por causa do preconceito. Eu n sou obrigada a concordar mas sou obrigada a respeitar. Descanse em paz. Senhor Lourival.”, angariando 18 interações positivas, 4 negativas.

Já *5 fev., 11h01'37"*, foi mais enfático ao dizer: “Globo, passou da hora de vocês respeitarem a sua pessoas trans. Lourival era um homem trans, simples assim. Quem se passa

por alguém é o artista quando está no palco ou no PROJAC se passando por personagem. Lourival apenas era Lourival.”, ideia com a qual concordaram 67 pessoas. 31 discordaram.

Foi a primeira vez que o termo “homem trans” foi usado num comentário, especialmente como forma de reafirmação de uma identidade. O segundo e último neste sentido é 5 fev, 15h02’31”, que aponta: “Que falta de respeito! Ele não se passou por mulher, ele é um homem trans. Deixem o homem em paz.”.

As outras menções ou tratam da questão com desdém – como 5 fev, 15h38’13”: “que papo furado esse de homem trans” – ou voltam ao ideário de doença/fraude. Como resposta a este comentário, um outro buscou refletir qual era o verdadeiro caráter da reportagem que, a 5 fev., 15h53’12”, sentenciou: “a reportagem não discute se era trans ou não. O que se tenta descobrir é quem era de fato a pessoa que se ocultava atrás do nome Lourival, entendeu?” (grifo meu), ainda vinculando tanto o esforço das entidades do sistema de justiça quanto do veículo de mídia a descobrir qual a “verdade oculta” que se fazia no discurso-corpo de Lourival. 30 pessoas concordaram, somente 2 discordaram.

Ao ordenar os comentários por “Mais relevantes”, aparecem 5 fev., 08h08’19” que determina: “Essa matéria é puro preconceito. É lamentável que se perca tanto tempo e espaço para um assunto dessa natureza.”, com o qual concordaram 61 pessoas, 20 discordam, e 5 fev., 00h30’32”, que faz um apelo: “Enterrem o Sr. Lourival, que descanse em paz. As investigações tem todo tempo do mundo para serem feitas.”: 68 interações positivas contra 6 negativas.

Nas outras matérias, os comentários trilham construções semelhantes. Na matéria publicada em 26 de fevereiro de 2019, às 10h24’ – atualizada no mesmo dia, às 14h12’35” – de título *Polícia Civil de MS pede prorrogação de prazo para investigar caso de idosa que vivia como homem, diz delegada*, vemos, entretanto, uma sequência de comentários que pregam a desvalorização da vida: o 27 fev., 07h05’35” brada: “Este ou esta infeliz até depois de morto dá trabalho” e obtém como resposta, em 27 fev., 08h24’58”, que “O diabo é o pai da mentira! ALÉM SE REGISTRO FALSO SER CRIME!”.

Essas afirmações procedem a um julgamento moral fincado em caracteres físicos, numa lastimável herança lombrosiana<sup>8</sup> que trata de desconsiderar ou rebaixar o humano contido nos sujeitos que, mesmo assujeitados, causam desarranjos nas “normalidades” sociais. Enquadres como estes acabam por tornar tanto sua vida menos digna de ser vivida

---

<sup>8</sup> Cesare Lombroso foi um antropólogo e criminólogo italiano, vinculado à Escola Positivista Penal. Sua obra mais célebre, *O homem delinquente (L'uomo delinquente, 1876)*, cuida de mensurar características anatômicas e, posteriormente, de manifestações de traços psicológicos comuns e predominantes aos que delinquem.



quanto sua morte menos digna de luto (BUTLER, 2015). O comentário de 27 fev., 15h43'20" lamenta tamanho desrespeito: "Uma história muito triste, que mostra o imenso sofrimento das pessoas transexuais em busca de uma identidade de gênero."

Por último, a matéria publicada em 16 de março de 2019, às 18h10' – atualizada às 21h12'05" do mesmo dia – sob o título *Um dia após nova coleta de digitais para futuros exames, mulher que se identificava como homem é velada*, tem um único comentário, sem interações, a 16 mar., 18h22'18", que pede: "Deixem este ser humano em PAZ !!!", numa tentativa de relembrar às pessoas comprometidas a escarafunchar a vida de Lourival Bezerra de Sá que este era, ao fim e ao cabo, um ser humano e deste modo deve ser lembrado e respeitado em sua dignidade.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES NÃO TAXATIVAS

Isto posto, me cabe fazer alguns apontamentos a título de considerações: Lourival Bezerra de Sá cindiu com a coerência compulsória e artificial entre sexo e gênero e, por isto, seu corpo e sua vida vivida foram alvo de processos que buscam encontrar e constituir verdade em diversas frentes, em especial nas instituições do sistema de justiça e nos veículos midiáticos.

Apesar desse esforço jurídico-midiático, as pessoas percebem este fenômeno de diferentes formas: seja vinculando-o à doença, ao pecado e à criminalidade, seja o concebendo como parte da normalidade ou como traço de sua identidade, parte das facetas do humano.

Tal imaginário fica expresso em locuções como "uma doente mental", "homem trans = doença", que "até depois de morto dá trabalho", ou como "satanás destrói a vida dos que se deixam levar pelo mundo" e ainda que "o diabo é pai da mentira". Também pelos que pedem que "deixem o homem em paz", classificam os comentários da matéria ou das outras pessoas como "falta de respeito", desejam "que descanse em paz", "uma história muito triste".

Não se deve, portanto, negligenciar o caráter simbólico do corpo, já que as condições objetivas de existência do humano são mediadas por esta mesma existência corpórea, que produz e é produzida social e culturalmente em suas práticas discursivas quotidianas. No fim das contas, Lourival ajuda a desestabilizar o que parece "intocável": ao ser questionado em sua (r)existência humana, é a própria existência do sistema ontologizante que se está ameaçado e precisasse ser reiterado, ratificado, reafirmado.

O jogo estabelecido nas interações positivas e negativas na caixa de comentários na matéria de 4 de fevereiro se tornou numa arena fecunda para este impasse, pois, ainda que a

maioria dos comentários estivessem fincados num ideário de patologia e inadequação, estes foram expressivamente demarcados como negativos; em contrapartida, aqueles que pediam respeito à vida e memória de Lourival tinham mais interações positivas, ainda que recebessem contestações como resposta.

Mais ainda, alguns dos produtos discursivos das caixa de comentários se comprometeram a solucionar, “simples assim”, o impasse em que se encontravam tanto as instituições do sistema de justiça quanto os veículos de mídia, ainda que tenham, estas mesmas instituições, proferido seus próprios comentários – que não constituem meu foco de análise neste momento mas que, certamente, carecem ser interpelados.

Tais pessoas duelaram com base e contra os dualismos, assim, tendo se investido do poder foucaultiano de comentar e trazer à luz as verdades, decodificaram os acontecimentos: para 5 fev., 11h01’37”, a verdade é de que se trata de um homem trans, enquanto para 5 fev., 12h06’55”, a questão é claramente de distúrbio mental; ao mesmo tempo, 5 fev., 13h25’33” advoga que teria Lourival, por óbvio, nascido no que chamou de “mundo errado”: sua existência corpórea estaria deslocada deste plano, que é binário, cartesiano, biologizante.

Por fim, objetivamente, é preciso evidenciar que Lourival Bezerra de Sá agiu nas cesuras das prescrições que tomam os caracteres anatômicos como naturais e, por consequência, imodificáveis e opostos à cultura, que é construída pelo humano. Seu estilo de vida, seu devir-corpo, sua metamorfose corporal, são reveladores de que nossos corpos e identidades são construídos, mas não só isso. O que sua vida vivida – e a divulgação e de sua morte – evidencia, com essa onda de “incômodos”, “maus estares” e “suspeições”, que o sistema de inteligibilidade heterocisnormativo mesmo está longe de ser estável, imutável e inquestionável.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Revisão técnica de Joel Hirman. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. (Coleção Sujeito e História).

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*. Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 17-18, p. 9-79, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a02.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332002000100002>. (Tradução de Plínio Dentzien; revisão de Valter Arcanjo da Ponte).

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. (Leituras Filosóficas).

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 23. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2013. (v. 1).

FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 15. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000. (Biblioteca de filosofia e história das ciências, v. 7). Cap. 5, p. 79-99.

KOZINETS, Robert. V. *Netnografia*: realizando pesquisa etnográfica online. Tradução de Daniel Bueno, revisão técnica de Tatiana Melani Tosi e Raúl Ranuaro Jalaves Júnior. Porto Alegre: Penso, 2014.

LAQUEUR, Thomas. Da linguagem e da carne. In: \_\_\_\_\_. *Inventando o sexo*: corpo e gênero dos gregos a Freud. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. Cap. 1, p. 13-40.

LEITE JR, Jorge. "*Nossos corpos também mudam*": sexo, gênero e a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico. 2008. 230 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

POLIVANOV, Beatriz B. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Esferas*, Brasília, DF, a. 2, n. 3, jul./dez. 2013, p. 61-71. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621/3243>. Acesso em: 13 jul. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.19174/esf.v1i3.4621>.

REBS, Rebeca R. Reflexão epistemológica da pesquisa netnográfica. *Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília*, Brasília, DF, n. 8, jan./jun, 2011, p. 74-102.